

“Bolsonarismo Radical”: sobre o discurso midiático e a banalização da violência

“Radical Bolsonaroism”: on media discourse and the banalization of violence

Raquel Anne Lucas Magalhães ¹
Universidade Federal Fluminense

Silmara Dela Silva ²
Universidade Federal Fluminense

Recebido em: abril de 2024.
Aprovado em: maio de 2024.

Como citar este trabalho:

MAGALHÃES, R. A. L.; DELA-SILVA, S. “Bolsonarismo Radical”: sobre o discurso midiático e a banalização da violência. *Traços de Linguagem*, v. 8, n. 2, 96-106, 2024.

♦ **RESUMO:** Neste artigo, nos propomos a refletir sobre o funcionamento discursivo-midiático acerca dos ataques do dia 8 de janeiro ao Congresso Nacional brasileiro. Ancoradas no dispositivo teórico-analítico da Análise de Discurso materialista, analisamos como tal acontecimento foi discursivizado por dois veículos de comunicação: a TV Unicamp e o Jornal Nacional. Em nosso gesto analítico, apontamos o modo como a formulação e a constituição das notícias produzem diferentes efeitos de sentidos, especificamente no sentido da adjetivação “radical” ao bolsonarismo, marcando, no fio do discurso, um movimento de disputas de sentidos já em curso via memória discursiva.

♦ **PALAVRAS-CHAVE:** Análise de discurso; Discurso midiático; Discurso fascista.

♦ **ABSTRACT:** In this paper, we propose a reflection on the discursive functioning of the media regarding the attacks on January 8th on the National Congress. We are in the theoretical-methodological perspective of Materialist Discourse Analysis to understand how the event was discursivized by two medias: TV Unicamp and Jornal Nacional. Furthermore, we try to understand that the way news is presented has different effects of meaning, specifically in the sense of the “radical” adjective to Bolsonaroism, showing, in the thread of discourse, a movement of disputes over meanings already underway by discursive memory.

♦ **KEYWORDS:** Discourse Analysis; Media discourse; Fascist discourse.

Introdução

No dia 8 de janeiro de 2023, assistimos a um episódio histórico que marcou a nossa democracia. Desde então, setores da grande mídia e da mídia alternativa vêm discursivizando tais atos. Uma rápida pesquisa no Google nos mostra como esse acontecimento está sendo apresentado para os leitores, ao procurarmos, por exemplo,

¹ Mestranda - UFF - Pós-graduação em Estudos de Linguagem (Linha 2: Teorias do texto, do discurso e da tradução). E-mail: raquel_magalhaes@id.uff.br.

² Doutora em Linguística (Unicamp, 2008). Professora Associada do Departamento de Ciências da Linguagem, Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense (UFF) e docente permanente do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem da UFF. E-mail: silmaradela@gmail.com.

pelas palavras-chave: “8 de janeiro de 2023 Congresso”. Há inúmeras matérias sobre o acontecimento, que se utilizam de diferentes denominações para dizer do ocorrido: “invasão”; “terroristas bolsonaristas”; “vandalismo bolsonarista”; “bolsonaristas radicais”, entre outros.

Da perspectiva teórico-metodológica da Análise do Discurso de base materialista, interessa-nos compreender discursivamente essas denominações, em especial a recorrência de uma delas, amplamente presente na mídia, naquele período: “bolsonaristas radicais”. Essa denominação comparece, particularmente, nas chamadas e em uma manchete de dois vídeos. Partimos da noção de discurso, que, de acordo com Pêcheux ([1969] 1997), trata-se dos efeitos de sentido entre interlocutores, e buscamos compreender como se produzem efeitos de sentidos para essa denominação, analisando essa materialidade linguística discursivamente.

Entendemos que o acontecimento do discurso que, conforme Pêcheux ([1988] 2015, p.16), se inscreve no “ponto de encontro de uma atualidade e uma memória”, suscita questões referentes às condições de produção desse discurso. O ano de 2022 foi marcado por um período de campanhas eleitorais para o cargo de presidente. Temos, assim, uma circunstância enunciativa pautada por esse embate político, concomitantemente ao retorno às atividades cotidianas, com uma considerável parcela da população vacinada contra a COVID-19.

Analisar as condições de produção dos discursos significa colocar as relações entre língua, sujeito e história, o que nos leva a olhar para o sujeito e os dizeres em curso enquanto fruto dessa conjuntura sócio-histórica. Por isso, não nos cabe, na perspectiva teórica da AD materialista, pensar em intenções de um sujeito empírico, já que nos interessa pensar em posições-sujeito. A posição de cada sujeito em (A) e em (B) é determinada pelas formações imaginárias que esses sujeitos fazem de si, do outro e do referente em questão, e que se marca no discurso:

Se o que dissemos antes faz sentido, resulta pois dele que A e B designam lugares determinados na estrutura de uma formação social, lugares dos quais a sociologia pode descrever o feixe de traços objetivos característicos: assim, por exemplo, no interior da esfera da produção econômica, os lugares do "patrão" (diretor, chefe da empresa etc.), do funcionário de repartição, do contramestre, do operário, são marcados por propriedades diferenciais determináveis. (Pêcheux, [1969] 1997, p. 82).

Logo, nosso direcionamento teórico nos coloca em uma posição de analisar sobre um contexto sócio-histórico específico (o pandêmico), com uma circunstância enunciativa voltada para as eleições e os seus resultados, a fim de compreendermos os possíveis efeitos de sentido produzidos discursivamente pela mídia, sabendo que há relações de forças em jogo e, conforme Althusser (1970), o domínio jornalístico é responsável por manter interesses da classe dominante, em seu funcionamento como parte do aparelho da informação, um Aparelho Ideológico do Estado.

Assim, constituímos o nosso corpus por duas notícias: a primeira, com circulação na TV Unicamp, no dia 12 de janeiro de 2023; e a segunda, com circulação no Jornal Nacional, da Rede Globo de Televisão, no dia 9 de janeiro de 2023. Recortamos as seguintes manchetes e chamadas:

Quadro 1: Manchete e chamada das notícias que constituem o *corpus* de análise

VEÍCULO MIDIÁTICO	MANCHETE	CHAMADA
TV Unicamp	SD1: Bolsonaristas radicais negam a realidade, diz psiquiatra	SD2: No dia 8 de janeiro, bolsonaristas radicais invadiram o Congresso Nacional, o Palácio do Planalto e o Supremo Tribunal Federal, causando um grande prejuízo ao patrimônio público. Os <u>extremistas</u> , que não aceitam as normas democráticas, também pediam intervenção militar e publicavam em tempo real os atos violentos, registrando os próprios crimes. O que explica, do ponto de vista da psicologia, esse comportamento? O que os leva a acreditar em profecias e em informações que não têm ancoragem na realidade? Segundo o psiquiatra e professor da Unicamp Paulo Dalgarrondo, há uma substituição do pensamento crítico por um raciocínio falso, reforçado com mais vigor, na atualidade, pela circulação de informações inverídicas. Confira a análise:
Jornal Nacional	SD3: Veja no JN: o dia seguinte aos <u>atentados terroristas</u> contra os prédios dos três poderes	SD4: O jornalismo da Globo acompanha o dia seguinte aos <u>atentados terroristas</u> contra os prédios dos três poderes da República, em Brasília, por bolsonaristas radicais . O ministro da Justiça, Flávio Dino, concedeu uma entrevista coletiva nesta segunda (9). Ele disse que governadores de dez estados enviaram mais 500 homens para o fortalecimento da Força Nacional de Segurança. Veja no JN, às 20h30.

Fonte: as autoras. Negritos e sublinhados nossos.

Iniciamos o nosso percurso por algumas considerações a respeito das condições de produção do discurso para, posteriormente, passarmos aos gestos de análise..

Das condições de produção do 8 de janeiro de 2023

Para entendermos o momento histórico de 8 de janeiro de 2023, ocorrido no Congresso Nacional, nos cabe apontar as condições de produção que presidem os discursos:

O que são pois as condições de produção? Elas compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação. Também a memória faz parte da produção do discurso. A maneira como a memória “aciona”, faz valer, as condições de produção é fundamental (...) é o que chamamos memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma de pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra. (Orlandi, [1999] (2015) p. 28-29).

Assim, por meio da memória e da própria definição de discurso, observamos que todo acontecimento histórico não deve ser visto de forma estanque, pois o contexto sócio-histórico e as circunstâncias de enunciação (próprios das condições de produção) são importantes para articular cada processo e fato discursivo situados na história, num (per)curso. Por isso, nos cabe mobilizar alguns momentos cruciais, não como em um tempo cronológico, mas na retomada de interdiscursos (memória), que continuamente se fizeram e se fazem presentes.

Com relação às circunstâncias de enunciação, no contexto imediato (Orlandi, 2015, p.28), temos a pandemia atravessando os sujeitos, via memória discursiva, que deve ser pensada de um modo abrangente, conforme afirmam Garcia e Sobrinho (2022):

Mais do que uma pandemia, o Brasil e o mundo vivem atualmente uma sindemia. Pouco utilizado, o conceito de sindemia (neologismo que une sinergia e pandemia) foi cunhado pelo antropólogo médico estadunidense Merrill Singer, ainda nos anos 1990, e denomina um contexto em que duas ou mais doenças passam a interagir e a provocar danos mais intensos e de maior dimensão do que a simples soma de ambas (PLITT, 2020). No caso específico da Covid-19, além do próprio Sars-CoV-2, há uma série de outras doenças não transmissíveis relacionadas (como as comorbidades, que se agravam e até levam à morte), além do próprio adoecimento mental, em razão da impossibilidade de se viver o luto. Esses elementos, em interação em um contexto social e ambiental cuja marca é uma grande desigualdade social, já existente, acabam por aumentar os efeitos da crise, a sindemia. (Garcia; Sobrinho, 2022, p. 49).

Embora tenhamos o fim da pandemia decretado em maio de 2023, entendemos que, pelo imaginário discursivo, os efeitos desse período histórico se mantêm vivos na memória dos sujeitos e que isso diz muito sobre o que foi dito, não-dito, o que foi feito e negado por representantes políticos. Assim, atravessados por doenças, lutos, e um conceito difuso sobre isolamento e quarentena, os brasileiros estiveram expostos a diversos tipos de violência e à negação Estatal de suporte a essa questão. Como em um curso, para além de uma questão de saúde pública, outras crises se atrelaram: “Nesse cenário, é notório o agravamento de questões socioeconômicas inerentes ao modelo neoliberal vigente, tais como: informalização e precarização das relações de trabalho; redução de investimentos em serviços públicos...” (Dela-Silva; Matheus, 2020, p. 186).

Desse modo, o conceito de sindemia, ao colocar em questão o “todo” como central, e não apenas a soma de crises e doenças, nos aponta para um cenário que coloca, no sujeito, um sentimento de desamparo político e social. Por isso, nos voltamos também aos anos anteriores, desde as eleições de 2018, mas sem deixar de passar pelo momento histórico das revoltas de 2013. Embora pontuamos, para fins didáticos, as datas que marcam esse atravessamento do sujeito na história, entendemos, discursivamente, que se tratam de retomadas de discursos, os já-ditos sempre já-lá na história. Não pretendemos dizer que houve um início datado de discursos extremistas, pois o que nos interessa são os efeitos que a retomada de tais discursos produz em nossa sociedade.

Indursky (2020), ao buscar analisar a fala pública do presidente da República eleito em 2018, entende que o governo se institui de práticas fascistas que se reverberam

em uma língua fascista. A língua como metáfora do governo nos mostra como o discurso é atravessado por movimentos parafrásticos de repressões e violências. A autora faz a distinção entre os apoiadores do governo e os seguidores, sendo estes os que se aproximam incondicionalmente à figura presidencial, e aqueles os que são inscritos em uma formação discursiva de direita, mas cuja tomada de posição seria a do sujeito que “odeia o PT”. Ou seja, entendemos que há uma distinção entre os “bolsonaristas” (os seguidores), e os apoiadores, que seriam a posição-sujeito ocupada pela direita e extrema-direita contra um possível “comunismo petista”. De acordo com Indursky: “Os seguidores, diferentemente dos apoiadores, identificam-se plenamente com seu ídolo”. (2020, p. 369).

Assim, os bolsonaristas, a quem chamamos de seguidores, fazem parte de uma posição-sujeito muito específica, a que considera o ídolo como inerrante. Desse modo, há uma espécie de espelho, na qual se dá a identificação com o discurso. Indursky (2020), ao trazer algumas sequências discursivas sobre as falas públicas do presidente, mostra que há uma inscrição na posição-sujeito fascista:

subjetivava-se em uma FD de direita, inscrevendo-se em uma posição-sujeito fascista, ao retomar, defender e identificar-se com práticas da ditadura. Foram tais repetições que me fizeram afirmar, em trabalhos anteriores (INDURSKY, 2016; 2019a, 2019b), que o capitão pratica uma língua fascista, pois ela vem carregada daquela memória, com vimos anteriormente, em SD10.³

Agora, já no lugar discursivo de presidente, além de manter-se na mesma posição-sujeito, inscrevendo seu discurso na ordem da repetibilidade (INDURSKY, 2011), sua língua fascista ganhou novas nuances, assumindo uma incontinência verbal, como as sequências discursivas acima (SD11 a SD14)⁴ evidenciam: seja pelo emprego de palavras, seja pela violência verbal, seja ainda por trazer marcas explícitas de homofobia e misoginia. Agora, não se limita mais a repetir os mesmos bordões prediletos: torturar, matar etc. Em seu atual lugar discursivo, ao subjetivar-se em sua bruta língua fascista, ultrapassa todos os limites da civilidade e torna-se grosseiro, truculento e violento, ofendendo e agredindo a quem ousar questioná-lo. Assim procedendo, o "impensável" de que nos fala Laclau, como sinalizei na primeira seção deste ensaio, tornou-se o modo de dizer que a língua política assumiu na fala pública do capitão-presidente. (Indursky, 2020, p. 375).

Desse modo, a inscrição nessa posição-sujeito fascista não pode ser datada de um início x ou y, já que, desde a ditadura até 2013, com as manifestações difusas e que dariam uma sequência ao golpe de 2016; posteriormente, nas eleições em 2018 e os discursos empregados para a campanha eleitoral em 2022, temos a retomada de posições-sujeitos fascistas que se inscrevem no contexto sócio-histórico que estamos analisando. As falas públicas compõem esse discurso tão empregado durante anos da nossa história; por meio da identificação, os bolsonaristas seguem nessa posição de apoio governamental, mesmo depois da vitória da oposição nas urnas, em outubro de 2022.

³ Nos é importante retomar a SD10 trazida pela autora em suas análises, retirada do Youtube (acesso em setembro de 2020): “SD10 - "Sou favorável ao pau de arara, à tortura". "Chegando à Presidência, daria um golpe e fecharia o Congresso no mesmo dia". "Na ditadura só desapareceram 282, a maioria, marginais". "Através do voto, não vamos mudar nada. Só quando partirmos para uma guerra civil, e fazendo o trabalho que o regime militar não fez, matando uns 30.000, começando por FHC. Vai morrer alguns inocentes? Tudo bem.”

⁴ As SDs 11 e 14 retomadas são: “SD11 - Ficar em casa é coisa de covarde. (Twitter, 25.03.20)””; “SD12 - Vontade de encher a tua boca com porrada, tá? Seu safado! (YouTube, 23.08.20)””; “SD13 - Pergunta pra sua mãe o comprovante que ela deu pro teu pai, tá certo? (Vídeo, Face, 20.12.19)””; “SD14 - Você tem uma cara de homossexual terrível, mas nem por isso eu te acuso de ser homossexual. Se bem que não é crime ser homossexual. (G1. Globo, Vídeo, 20.12.19)””.

Há autores, como Dunker (2020), que propõem pensar o fenômeno do “populismo conservador”, especificamente do bolsonarismo, como algo que partiria da “negação da realidade”, da “dissonância cognitiva” e da “projeção”. Em seus termos:

Conhecemos três reações básicas diante da violação de expectativas: a negação, a dissonância cognitiva e a projeção. Pela negação, nos afastamos da realidade, reduzindo o conflito entre ela e nossas opiniões. Pelo ajustamento da dissonância cognitiva, alteramos nossos desejos, nossos pensamentos e o valor de nossas percepções para deflacionar o conflito (...) A terceira estratégia consiste em acreditar que a causa da contradição não está nem na realidade nem no que pensamos sobre ela, mas na manipulação que o outro continua a praticar para nos enganar. Por isso, precisamos continuar agindo para prevenir e erradicar a causa do mal, independentemente de razões e fatos, que são apenas parte da contrapropaganda. (Dunker, 2020, p. 20).

Ao tentar explicar questões políticas que se colocavam na pandemia, o autor buscou investigar como “uma proposta tão errática, do ponto de vista institucional, e tão pífia, do ponto de vista dos resultados, mesmo quando examinados à luz das próprias promessas, consegue obter aprovação entre tantas pessoas.” (Dunker, 2020, p. 18). Por isso, trouxe tais conceitos para tentar entender o fenômeno. Do ponto de vista teórico da análise do discurso materialista, no entanto, para além de nos ser “útil” pontuarmos supostas “causas” que, em certa medida, explicam o bolsonarismo, vamos além: acrescentamos que a “ideologia” deve ser ratificada nessas reações básicas, nesses mecanismos de funcionamento dos discursos, já que, conforme Althusser (1970, p. 93): “a ideologia interpela os indivíduos como sujeitos.”

Assim, entender as condições de produção do discurso sobre o Congresso Nacional, no dia 8 de janeiro de 2023, nos traz questões relativas à memória, às posições-sujeito e suas identificações, à ideologia e ao funcionamento do discurso sobre o bolsonarismo. Observamos que os sujeitos que estamos retomando são aqueles atravessados pela língua e ideologia, por isso, nos colocamos longe de uma abordagem que enfatiza um sujeito empírico. Pretendemos mostrar que todo discurso funciona pela opacidade constitutiva da língua e que, no curso da história, há diferentes disputas de sentidos por diferentes formações discursivas: “aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito” (Pêcheux, [1975] 1995, p. 160).

Dos gestos de análise

Em nossos gestos de análise, voltamo-nos, como anunciado anteriormente, a duas manchetes e duas chamadas para matérias jornalísticas em vídeo, com circulação na TV Unicamp e no Jornal Nacional, conforme expostas anteriormente no Quadro 1. A primeira chamada do vídeo, apresentada pela TV Unicamp, aponta para o que irá ser noticiado: a opinião de um psiquiatra sobre o atentado em massa à democracia; enquanto o segundo vídeo, uma chamada do Jornal Nacional, também visa a discursivizar sobre os acontecimentos sob um imaginário de objetividade que tradicionalmente preside o discurso jornalístico da chamada grande mídia, trazendo essa pauta do dia.

Consideramos que a grande mídia, ou mídia tradicional, possui, de acordo com Dela-Silva (2018, p. 276): “condições privilegiadas de circulação e, conseqüentemente, ampla representatividade em nossa formação social, por decorrência de seu poderio político-econômico”. Isso nos é importante, pois aponta para o espaço dado a determinados discursos e suas projeções para os sujeitos-leitores, em suas condições de

circulação. Isso porque o discurso é sempre atravessado pela ideologia, mesmo que haja uma suposta “neutralidade” imaginária propagada pela mídia, conforme afirma Mariani (1996, p. 154-155): “o discurso jornalístico atribui-se a objetividade, a imparcialidade e a veracidade da informação, produzindo (não exclusivamente apenas por este viés) a impressão de que o acontecimento narrado/descrito de fato ocorreu daquele único modo”.

Assim, embora a TV Unicamp não esteja amplamente divulgada nos grandes espaços midiáticos, não sendo uma instância da grande mídia, como a Rede Globo, responsável pelo Jornal Nacional, entendemos que ambos trazem discursos que funcionam pela opacidade, passíveis, portanto, de deslizamentos e rupturas em seus processos de produção de sentidos. Com Orlandi ([1999] 2015), vemos que, em todo discurso, há duas forças trabalhando, a paráfrase e a polissemia, que designam, respectivamente, retomadas e rupturas nos dizeres. Assim, buscamos entender que a adjetivação “radical” aos bolsonaristas aponta para não-ditos e deslizamentos de sentidos.

A denominação “bolsonaristas radicais”, em negrito (SD1, SD2 e SD4) no Quadro 1, exposto na seção anterior, marca a adjetivação aos bolsonaristas que cometeram os atentados como “radicais”; cabe a nós, enquanto analistas do discurso, observar como se produzem efeitos de sentido a partir dessa adjetivação.

Estando o bolsonarismo associado por identificação a uma formação discursiva fascista, conforme trouxemos a partir de Indursky (2020), cabe-nos questionar se o adjetivo “radicais” associado a essa posição ideológica bolsonarista não produziria como efeito a legitimação e a naturalização da violência, uma vez que a palavra “radical” se contrapõe ao não-dito “moderado”. Para isso, como método: “partimos do dizer, de suas condições e da relação com a memória, com o saber discursivo para delinear os margens do não-dito que faz os contornos do dito significativamente. Não é tudo o que não foi dito, é só o não dito relevante para aquela situação significativa” (Orlandi, [1999] (2015), p. 83).

Se pensarmos ainda em ideologias de extrema-direita ao longo da história, como por exemplo o nazismo e o fascismo, poderíamos traçar um paralelo e observar como não cabe a adjetivação “radical”, uma vez que os sentidos de suas posições ideológicas estão bem marcados naquela época e não precisam de uma figura de linguagem, um pleonismo vicioso midiático para assim categorizá-los. À luz da Análise do Discurso, entendemos que todo discurso é ideologicamente marcado, além de fazer referências a outras formações discursivas e que estas estão atravessadas pela história e pela conjuntura dada:

Chamaremos, então, formações discursivas aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa etc.) (Pêcheux, [1975] 1995, p. 160).

Desse modo, o discurso midiático que se propõe a construir uma discursividade sobre atos que atentam contra a democracia brasileira deve ser analisado a fim de identificarmos as formações discursivas a que se filiam tais dizeres. Indursky, em seu texto “Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise do Discurso”, vai retomar a noção teórica sobre o sujeito, proposta inicialmente por Pêcheux e, também sobre o “acontecimento discursivo” e o “acontecimento enunciativo”. Ao trabalhar a noção de acontecimento discursivo trazida por Pêcheux ([1988] 1990), a autora entende que nem sempre há uma desidentificação total do sujeito com a FD [formação discursiva] em evidência no discurso; há, também, uma “movimentação dos sentidos no interior de uma FD, mas sem desidentificação com a

forma-sujeito que a organiza” (Indursky, 2008, p. 11), o que ela vai chamar de “contra-identificação”.

Considerando que o nosso corpus se refere ao “bolsonarismo” e observando a formação discursiva fascista nessa vertente ideológica a partir das materialidades discursivas, pode-se dizer que o modo como a mídia apresenta esse acontecimento é opaco, produz deslizamentos de sentidos. Sabemos que a formulação do dizer perpassa as noções de interdiscurso, memória, e que o acontecimento discursivo está sempre nessa relação histórica e ideológica, logo, é impossível uma produção “neutra”.

Por isso, ao retornarmos às sequências discursivas 2, 3 e 4, vemos a ocorrência de outros deslizamentos de sentidos. Os sintagmas em negrito “bolsonaristas radicais” são retomados ao longo das chamadas e manchetes por um movimento, a que chamamos retomada parafrástica. A paráfrase, sendo “o retorno aos mesmos espaços do dizer” (Orlandi, [1999] (2015), p. 34) vai sendo marcada pela retomada das sequências sublinhadas, como “extremistas” na SD2. Há um processo de sinonímia que opera para esse deslizamento de sentidos. Embora haja uma consideração na SD2 sobre atos violentos, retomada do discurso militar e a citação de um psiquiatra se instaurando como um argumento de autoridade para comprovar que se tratam de crimes e atentados, o deslizamento sobre “extremistas” e “radicais” se marca, já que coopera para uma discursivização sobre um outro “bolsonarismo” que não seja radical ou extremo, mas sim ameno.

Ao trazer essas retomadas e denominar este grupo - bolsonaristas, extremistas, radicais -, temos um processo de sentidos sendo posto pela mídia por meio da denominação. Conforme Mariani:

A denominação, enquanto um modo de construção discursiva dos 'referentes', tem como característica a capacidade de condensar em um substantivo, ou em um conjunto parafrástico de sintagmas nominais e expressões, "os pontos de estabilização de processos" resultantes das relações de força entre formações discursivas em concorrência num mesmo campo. (...) O processo de denominação não está na ordem da língua ou das coisas, mas organiza-se na ordem do discursivo, o qual, lembrando mais uma vez, consiste na relação entre o lingüístico e o histórico-social, ou entre linguagem e exterioridade. As denominações significam, e do ponto de vista de uma análise, podemos dizer que elas 'iluminam' a natureza das relações de força existentes numa formação social, ou, em outras palavras, tornam visíveis as disputas, as imposições, os silenciamentos etc., existentes entre a formação discursiva dominante e as demais. (Mariani, 1996, p. 138).

Esse processo de denominação continua em curso quando, na manchete do JN, na SD3, a adjetivação é feita por meio de uma categorização dos bolsonaristas como “terroristas”, e isso se mantém até uma outra retomada: a dos “bolsonaristas radicais”, na SD4. Mais uma vez há uma substituição na caracterização, o que nos leva a pensar que, se são terroristas, como eles podem ser denominados apenas como “radicais”? A memória discursiva, sabemos que, conforme Orlandi, ([1999] 2015, p. 29): constitui-se do “saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível”; desse modo, ao retomar as adjetivações em processos de retomadas parafrásticas e de sinonímia, vai se construindo, para o sujeito-leitor, filiações de memória que amenizam as ações dos bolsonaristas, como se fosse possível colocá-los em polos: amenos, moderados e radicais.

Considerações finais

Nesse artigo, propusemo-nos a pensar no modo como a denominação mobilizada pela mídia ao tornar acontecimento jornalístico (DELA-SILVA, 2015) o dia 8 de janeiro de 2023 produz efeitos de sentido em um momento histórico no país. Em meio a uma condição de produção pós-eleições, tratamos de observar o acontecimento sendo discursivizado na mídia e as disputas em torno da expressão “bolsonarismo radical”. Nos gestos de análise, refletimos sobre os já-ditos e sentidos que são postos em tom de “objetividade”, mas que produzem deslizamentos, mostrando que todo dizer pode ser sempre outro.

Entendemos, assim, que no corpus, embora pertencente a veículos distintos – a TV Unicamp, e o Jornal Nacional, um noticiário vinculado à grande mídia –, há uma retomada de sentidos que se marca no funcionamento da denominação “bolsonaristas radicais”, em relação a um outro “não-dito” – “moderado”, por exemplo – em contraposição ao dito “radical”.

Mediante a posição ideológica bolsonarista, cujos discursos exaltam torturadores do período da Ditadura, como Ustra; incitam ao ódio, ao armamento, ao apagamento dos direitos indígenas e LGBTQIAPN+, entre outras inúmeras formas de violência, questionamos os efeitos de sentidos que se inscrevem na denominação “radical”, como se todas essas violências pudessem ser reduzidas a outras categorias: “moderado”, “brando” e “ameno”, por exemplo; e o “radical”, por sua vez, fosse colocado em evidência apenas quando há de fato um atentado físico ao patrimônio brasileiro, ao Congresso Nacional.

Embora aparentemente contra-identificado com uma formação discursiva fascista, o que se marca em termos e expressões como “extremistas” e “atentados terroristas”, presentes nas SD2, SD3 e SD4, no Quadro 1, que afirmam um imaginário de condenação a esses atos, resta no dizer um gesto de identificação que se marca na denominação “radicais”. Se são radicais, logo, há “moderados”. Cabe-nos perguntar se os “moderados” podem ter os seus atos naturalizados e legitimados no discurso. Quais violências e atentados aos direitos humanos e sociais podem ser aceitos, apagados e identificados como “amenos”, e quais são passíveis de um juízo de atribuição negativa? Trazer à discussão o texto de Indursky (2008) nos permitiu questionar esse jogo de identificação e uma suposta contra-identificação por parte dos dizeres em circulação na mídia perante a violência, uma vez que “ao relatar os acontecimentos os jornais já estão exercendo uma determinação de sentidos” (Mariani, 1998, p. 63).

Assim, questionamos se são necessários apenas atos físicos para a utilização de adjetivos negativos, ao passo que referenciar torturador na Câmara, em meio ao golpe de 2016, não é visto com tamanho teor “negativo”, garantindo até mesmo lugar no cargo de chefe do Executivo.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 2: Data de pesquisa 21 de janeiro de 2023



Quadro 3: Data de pesquisa 21 de janeiro de 2023



REFERÊNCIAS DO CORPUS

TV Unicamp. Bolsonaristas radicais negam a realidade, diz psiquiatra. Youtube, 12 de janeiro de 2023. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=XcDH7IGcq-g>>. Acesso em 04 de fevereiro de 2023.

Jornal Nacional. Veja no JN: o dia seguinte aos atentados terroristas contra os prédios dos três poderes. Globoplay, 09 de janeiro de 2023. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/11265164/>> Acesso em 04 de fevereiro de 2023.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. [1970] Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado. Trad. Joaquim José de Moura Ramos. Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes, 1980.
- DELA-SILVA, Silmara. Da resistência aos discursos da/na mídia: sobre eventos e páginas no Facebook. In: SOUSA, L.M.A. et al. (Org.). Resistirmos, a que será que se destina? São Carlos: Pedro & João Editores, 2018. p. 273-295.
- DELA-SILVA, Silmara. (Des)Construindo o acontecimento jornalístico: por uma análise discursiva dos dizeres sobre o sujeito na mídia. In: FLORES, G.; NECKEL, N.; GALLO, S.M.L. (Orgs.). Análise de discurso em rede: cultura e mídia. Campinas, Pontes Editores, 2015. p. 231-232.
- DELA-SILVA, Silmara; MATHEUS, Mario. Sobre o discurso publicitário governamental em tempos de pandemia. In: BAALBAKI, A; SILVA, L. F. A. (org.) Discursos da pandemia: entre dores e incertezas. Campinas: Pontes Editores, 2020. p. 183-201.
- DUNKER, Christian. A Arte da Quarentena para principiantes. São Paulo: Boitempo, 2020.
- GARCIA Dantielli; SOBRINHO Nelson. Ossos e restos feitos em fogões a lenha: o discurso da/na mídia e a romantização da fome e da pobreza no Brasil em tempos de pan/sindemia. In: DELA-SILVA Dela; LUNKES Fernanda. (Orgs.). Mídia e(m) discurso: percursos de pesquisa. Campinas: Pontes Editores, 2022. p. 31-53.
- INDURSKY, Freda. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise do Discurso. In: MITTMANN, Solange; GRIGOLETTO, Evandra; CAZARIN, Ercília (Orgs.). Práticas Discursivas e identitárias. Sujeito & Língua. Porto Alegre, Nova Prova, PPG-Letras/UFRGS, 2008. (Col. Ensaios, 22).
- INDURSKY, Freda. O teatro do grotesco como cenário da desconstrução do Brasil. Revista da Abralin, vol. 19, n. 3, p. 365-388, 2020.
- MARIANI, Bethania. O PCB e a Imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989). Rio de Janeiro: Revan; Unicamp, 1998.
- MARIANI, Bethania. O comunismo imaginário: práticas discursivas da imprensa sobre o PCB (1922-1989). Campinas, SP: 1996. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.
- ORLANDI, Eni. [1999] Análise de Discurso: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2015.
- PÊCHEUX, Michel. [1969]. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Orgs.). Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997. p. 61-161.
- _____. [1975] Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Traduzido por Eni P. Orlandi [et al.]. 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1995.
- _____. [1988] Discurso: estrutura ou acontecimento. Campinas, Pontes, 2015.